

O PROFESSOR FRENTE A VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Géssica Zuliani¹

Tailize Manarin²

Giseli Monteiro Gagliotto³

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Trabalho Parcialmente Financiado Pela CAPES e Fundação Araucária

RESUMO: O presente artigo, objetiva discutir o impacto que a violência sexual causa no desenvolvimento da aprendizagem da criança e o papel do professor como agente identificador da violência sexual intrafamiliar. Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico bibliográfico, baseado em uma pesquisa do programa de Iniciação Científica e de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, realizadas na instituição de ensino Unioeste - Campus Francisco Beltrão, intituladas: “Violência intrafamiliar e o impacto na aprendizagem da criança” e “Gritos do Silêncio: O professor frente à Violência Sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar”. Violência sexual infantil é um tema muito presente no contexto social e é na escola que a criança manifesta seus sinais, o professor deve ser identificador, uma vez que não podemos fechar os olhos para tais ocorrências.

Palavras-chave: Violência sexual; formação de professores; aprendizagem.

¹ Psicóloga, Especialista em terapia Analítico Comportamental, mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão, Bolsista Capes/Fundação Araucária. E-mail: psicologia_gehzuliane@outlook.com

² Graduanda do curso de pedagogia, bolsista de Iniciação Científica- PIBIC-Fundação Araucária na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão; e-mail: manarintailize@gmail.com

³ Doutora em Educação, Docente da Graduação em Pedagogia e da Pós-graduação Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão, e-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Realização:



Apoio:



INTRODUÇÃO

Entendemos por violência sexual infantil qualquer atitude de jogo ou ato sexual podendo ser físico ou não físico, praticado por um adulto e uma criança e quando intrafamiliar, essa acontece entre grau de parentescos com afinidade ou consanguinidade. Assim, a violência sexual infantil é algo que interfere diretamente no desenvolvimento psicológico da criança por isso, acreditamos que é indispensável a relação desta com o contexto escolar, pois é na escola o primeiro lugar que ela irá emergir os sintomas de que algo errado está acontecendo e conseqüentemente isso transpassará diretamente à sua aprendizagem. Dentre as mais variadas expressões que nos instiga para uma maior investigação, algumas são: comportamentos agressivos, dificuldades de se relacionar, inquietude, falta de atenção e concentração, contratempos em relação a sua própria sexualidade, dentre outros.

Constantemente as crianças vítimas da violência sexual intrafamiliar, são despercebidas pelos profissionais da educação que acabam considerando essas atitudes como algo superficial e esse contexto inerente ao seu papel. A partir da Dissertação de Vagliati e Gagliotto (2014), percebemos que os professores sentem-se de mãos atadas frente ao problema, muitas vezes por falta de formação tanto inicial como continuada e suporte do coletivo adequado para a área, uma vez que o desenvolvimento sexual infantil é um tema escasso na formação docente.

Freud (2002) afirma que esse descaso dos professores à sexualidade das crianças vem de primeira mão, a uma questão cultural historicamente constituída e também à amnésia infantil⁴. Por essas razões, Vagliati e Gagliotto (2014) assumem que a escola deve ser defendida como o principal local de acareação da violência sexual contra crianças e adolescentes, e o professor tem o papel fundamental nesse processo de investigação, pois é ele que está em contato diário com a criança tendo mais oportunidades de observações peculiares as mudanças cotidianas de comportamento de seus alunos.

⁴ Fenômeno psíquico que oculta as recordações nos primeiros anos da nossa infância, Freud (2002).

Entendemos que a formação e a condição de trabalho, são elementos estritamente ligados ao trabalho do professor nesse contexto, deixando os professores limitados. Assim, neste trabalho, elucidamos o contexto histórico da violência e suas repercussões, destacamos alguns critérios necessários no que tange ao papel do docente a fim de identificar como e quando essa violência vem sendo tratada no cotidiano escolar.

Contexto histórico da violência Sexual Infantil

A violência sexual, vem marcada de um passado histórico nas relações sociais e nas classes socioeconômicas, assim, faz-se necessária a compreensão desta em um cenário ético, político e econômico, considerando os aspectos históricos e sociais demarcados pela sua trajetória. Desde os tempos bíblicos é presente sinais da violência sexual, porém não existia nenhum tipo de punição ou nenhuma lei capaz de assegurar a proteção integral da criança e do adolescente, uma vez que o ato era aceito e permitido pelo pai, que trocava a criança a partir dos três anos de idade por uma determinada quantia de dinheiro. Assim Bass; Thornton (1985) afirma:

O uso de meninas com três anos para fins sexuais, não era legalmente regulamentado, porque elas eram consideradas muito jovens para serem virgem legalmente e portanto, não tinham valor monetário. O sexo com meninas de menos de três anos não estava sujeito a nenhuma restrição. Como na caça, estava aberta a temporada. (BASS, THORNTON, 1985, p.24)

Em um cenário catolicista, o ato sexual com crianças era permitido a partir dos sete anos de idade considerando que a violência sexual sempre existiu variando suas características conforme o cenário cultural da época. De acordo com Aries (1978) na idade média, as vivências da casa eram sem restrições entre crianças e adultos, a vida adulta não era nenhum segredo para as crianças e desde muito cedo elas eram expostas ao sexo bem como a manipulação das suas genitais pelos adultos. Em alguns países, adotava-se a prática de mutilação dos clitóris ao sexo feminino para impedir que o sentimento de desejo nas relações sexuais com a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



finalidade ainda de assegurar o papel do homem e afirmar a submissão da mulher, essa ação é ainda existente em alguns lugares como o Oriente médio e na África.

Conduzindo a violência sexual para um contexto histórico Brasileiro e mais precisamente no período republicano no século XVI, há registros de diversos tipos de violência contra a criança e adolescente, como por exemplo: violência sexual, negligência, maus tratos e morte. Além disso, crianças também eram submetidas a trabalhos de risco e abusos sexuais pela própria família ou por ela permitidos. Segundo os autores Azevedo e Guerra (2000) no ano de 1591, houve registros na região da Bahia, de padres que abusaram sexualmente de meninas, prática considerada criminosa pelo Santo Ofício porém, não pelo abuso sexual, mas pela realização do sexo anal que era considerado um ato abominável pela igreja.

Ao nos deparar com os históricos da violência sexual, percebemos que ela sempre esteve presente no decorrer dos anos, inserida conforme o meio social estabelecido, e assim torna-se explícita a falta de proteção à criança e ao adolescente até mesmo de forma jurídica em cada cenário pois, as políticas públicas que vieram a garantir tais proteções, foram elaboradas a partir do ano de 1990 com a aprovação do documento legal Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) levando a violência sexual para além do contexto familiar, reconhecendo a importância da infância como tal, assegurando assim sua proteção e os seus direitos.

Consideramos violência sexual e a definimos como qualquer violação ou exploração da criança ou adolescente, que o envolva em situação impróprias com um adulto ou por exposição erótica e imagens pornográficas, interferindo em seu desenvolvimento psicológico, social e físico. Freud (2002) propulsor da psicanálise e criador da teoria do inconsciente, contribuiu para o entendimento do desenvolvimento sexual e considerou esse tipo de violência como parte subjetiva e destrutiva ao homem caracterizando-a como um sentimento de outro diferente afim de dominar ou excluir esse outro por ser o causador de todo o seu sofrimento. Assim, dentro das contribuições psicanalíticas segundo Vagliati e Gagliotto (2014) o autor Freud se preocupou com o fenômeno da violência sexual e para esse entendimento criou o Conceito da Fantasia, atividade mental encontrada

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



frequentemente em pacientes Histéricas⁵ de forma inconsciente dada por um determinado desejo mascarado e o Complexo de Édipo, baseado no mito grego de Édipo Rei, designando como um sentimento amoroso do filho com a mãe e da filha com o pai em que ambos o desejam e querem ser como tal.

Ao falarmos em violência sexual intrafamiliar, tratamos de, qualquer relação sexual entre parentes com grau de afinidade ou consanguinidade, podendo ser chamado também de incesto. Conforme a pesquisa de Manarin (2016), sobre esse cenário afirma.

Quando tratamos de abuso sexual dentro do espaço doméstico familiar, geralmente prevalece o homem/pai como agressor e a menina como vítima de maior incidência, mas os meninos também são alvo dessa forma de violência. Segundo pesquisa realizada no município de São Paulo, Araújo afirma que em 71,5% dos casos são pais biológicos e 11% padrastos. Segundo dados da Secretaria Especial dos Direitos Humanos no primeiro trimestre de 2015 foram registrados 4480 casos de violência sexual, representando um total de 85% de todas as denúncias registradas nesse período. (Manarin, 2016; p. 03)

Geralmente a violência sexual intrafamiliar acontece mais cedo do que quando é extrafamiliar. A partir das considerações de Vagliatti e Gagliotto (2014) geralmente prevalece o pai como principal agressor e a menina como vítima, não excluindo os meninos como alvo também dessa violência. Segundo a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, registra mais 77 mil casos de violação aos direitos da criança e do adolescente no ano de 2016.

Braun (2002) refere-se a família incestuosa como passível a incidência de violência em que os abusadores costumam-se geralmente transmitir sinais de possessividade com a criança, sempre a vigiando, fugindo dos contatos dentro do contexto social. Há a violação da privacidade sexual, produzindo gestos de carícias, estimulando as crianças na reprodução de atos sexuais, possuindo sempre uma conduta de minimização perante tais atitudes, para inibir a seriedade do problema. Nesse sentido a violência é dependente de diversos fatores determinantes que a

⁵ Termo utilizado pela psicanálise para definir um distúrbio sexual que ocorreu na infância e manifestou-se na vida adulta por meio de neuroses.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



envolvem, como questões culturais, sociais, de relacionamento e de dependência econômica e afetiva.

Impactos da violência sexual intrafamiliar na aprendizagem da criança

Frente ao caso de violência sexual dentro da escola, o professor como principal e mais próximo agente do processo, deve ficar atento aos sinais que a criança carrega consigo no cotidiano assim como, saber diferenciar e investigar esses sintomas, pois, quanto antes à criança seja vista, melhor será o processo de tratamento e proteção. Quando nos deparamos com uma criança que sofre esse trauma psicológico dentro da sala de aula, é possível perceber alguns sinais pelo manifesto que ela transmite através de brincadeiras de faz de conta, desenhos, dificuldades no processo ensino aprendizagem, comportamentos agressivos e erotizado.

As implicações que a violência traz no que tange ao desenvolvimento da aprendizagem da criança são severas e visível aos olhos de quem convive com ela tornando-se assim mais suscetível a ser agressiva, a ter dificuldades na concentração, medo e receio das outras crianças e dos adultos, ideias suicidas, inquietação, isolamento, fobias, desconfiança, insegurança, sonolência e em alguns casos também é possível encontrar lesões físicas e genitais sempre trazendo transtornos traumáticos para a vítima. Assim, o autor Prado (2007) nos afirma:

As consequências das situações de abuso sexual na infância implicam em fatores traumáticos, internos e externos, em curto, médio e longos prazos, e dependem de uma série de aspectos, tais como a idade da vítima, a recorrência das situações abusivas, a complacência e a convivência familiar, as reações familiares após a revelação agravadas quando implicam em desmentir a criança, denegação e permanência da situação abusiva, com o silêncio e o convívio familiar, sem contar uma possível falta de compromisso por parte de outros adultos do ambiente da criança, inclusive do sistema escolar e de saúde (s/p).

Todos esses processos aqui citados irão de certa forma intervir no seu desenvolvimento intelectual, gerando algum transtorno ou dificuldade, que muitas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



vezes é despercebido pelos professores ou até mesmo associado a outro problema, descartando o eixo de que a criança está sendo vítima de um violentador.

Em um lugar onde deve existir o respeito mútuo nas relações, a socialização e a construção de um saber científico denominado como escola, é indispensável à formação profissional. No objetivo de exercer um saber docente capaz de ir além da deflagração dos alunos, que sofrem esse tipo de violência, mas auxiliá-los em um tratamento digno, com a finalidade de ressocialização do indivíduo, minimização das partes negligentes e diminuição dos índices de violência. Por isso, com profissionais aptos e confiantes a realizar esse tipo de trabalho, podemos promover resultados positivos.

Violência sexual infantil intrafamiliar: o professor frente à esse fenômeno

Não raro ouvimos e nos deparamos com relatos, manchetes e noticiários que abordam o tema da violência sexual infantil, e o que mais nos assombra é saber que essa violação dos direitos infantis, na maioria das vezes, é cometida por aquele(a) qual deveria cumprir a função de proteger: o cuidador(a). Pesquisadores tem alertado para o fato de que, tratar o tema da violência sexual infantil como um tabu, deixando de discuti-la como um problema social que permeia as relações humanas, não é o modo eficaz de preveni-la, não falar, não significa que ela deixe de existir.

Neste sentido Brino (2006) cita que:

Nos últimos tempos, os meios de comunicação têm dado ampla cobertura a notícias envolvendo casos de violência contra crianças. Um aspecto comum à maioria dos casos e que tem deixado a sociedade mais chocada é o fato de que os agressores, em geral, são os pais das crianças ou alguém próximo dela como a babá, contratada para cuidar das crianças. Para um público leigo, que não tem conhecimento sobre a problemática da violência intrafamiliar, no Brasil e no mundo, tais notícias podem parecer casos isolados ou talvez meros incidentes. Não são. Infelizmente, pesquisas de levantamento apontam índices alarmantes de violência intrafamiliar contra crianças em suas diversas modalidades, ou seja, maus-tratos físicos, psicológicos e/ou sexuais. Dentre as ocorrências de violência contra crianças, os dados apontam para um índice de 70% de abusos intrafamiliares, ou seja, cometidos por familiares da própria criança. Nesse cenário estarrecedor, o abuso sexual, uma das práticas de violência contra crianças, surge como “modalidade

Realização:



Apoio:



privilegiada” de abusos contra crianças, uma vez que, na maioria dos casos a vítima é molestada sexualmente em combinação a outras práticas como abuso psicológico e/ou físico, sendo esse fenômeno conhecido como comorbidade. (Brino, 2006; p. 21)

Consideramos que a criança que sofre com a violência sexual intrafamiliar, é vítima da forma mais cruel de violência que pode existir, e essas marcas da infância podem perdurar para toda a vida.

A dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes assume diferentes características. Na violência intrafamiliar, que apresenta maiores índices e submete a vítima por um longo período, constata-se uma dinâmica característica que identifica essa família incestogênica. A violência extrafamiliar aparece em níveis menos elevados e normalmente acontece só uma vez. Vítimas crianças e adolescentes nos mais diferentes espaços sociais. A vivência dessa violência, tanto intrafamiliar quanto extrafamiliar, por crianças e adolescentes, pode acarretar sérias consequências físicas e psicológicas, prejudiciais para seu desenvolvimento, inclusive para as relações afetivo-sexuais na vida adulta. Ainda assim, todos os dias, em alguma parte do Brasil, crianças e adolescentes são vítimas dessa violência (VAGLIATI E GAGLIOTTO, 2014; p.38)

Crianças violentadas sexualmente, apresentam comportamentos considerados inadequados e até estereotipados, os quais servem de sinais de alerta para uma investigação de que algo vem acontecendo com ela. Se esta criança, exposta a esse tipo de violência que ocorre dentro do seio familiar, ambiente que consideramos primordial para cuidados e proteção da criança, onde mais poderia ela ser acolhida e amparada? Acreditamos ser no ambiente escolar, o principal espaço onde a criança poderá expressar esses sinais de violência, e ainda defendemos ser o professor o principal sujeito capaz de identificar esses sinais.

A escola é um espaço privilegiado para a construção da cidadania, onde um convívio harmonioso deve ser capaz de garantir o respeito aos Direitos Humanos e educar a todos no sentido de evitar as manifestações da violência. Dentre os problemas mais pungentes que temos enfrentado no Brasil, estão as diversas formas de violência cometidas contra crianças e adolescentes. A análise desse quadro social revela que as marcas físicas visíveis no corpo deixam

Realização:



Apoio:



um rastro de marcas psicológicas invisíveis e profundas (FALEIROS;
FALEIROS, 2008; p.7)

Desse modo, para que a identificação desta forma de violência aconteça dentro do âmbito escolar, é preciso que os profissionais que ali trabalham, estejam devidamente preparados e qualificados para isso, tendo uma formação inicial e continuada que tratem do fenômeno da violência sexual de forma bastante precisa. Preocupadas com essa preparação dos professores Vagliatti e Gagliotto (2014), em seu trabalho intitulado: “gritos do silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar”, investigaram se os professores sabem identificar sinais desse tipo de violência em seus alunos, e de como tratam a violência sexual dentro do espaço escolar.

O trabalho de Vagliatti e Gagliotto(2014), o qual nos apropriamos para embasar essa discussão, direciona-se para a formação de professores e a educação sexual na escola, na busca de promoção de prevenção e identificação da violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes, apontando para a importância da escola, como instituição que intervém, forma e educa. Corroboramos com as autoras, quando destacam que, os estudos referentes ao fenômeno da violência sexual deliberada às crianças, sua identificação e formas de prevenção tratados dentro do ambiente escolar, especialmente abordados para os professores, ainda são poucos difundidos.

Os motivos que explicam a pouca disseminação deste tema, principalmente no que se refere a promoção da prevenção no espaço escolar, caracteriza-se pelo pouco entendimento por parte do professor à respeito. Infelizmente questões relacionadas à sexualidade humana ainda são tratadas como um tabu, e menos ainda são discutidas na infância. Muitas vezes os professores sentem vergonha e/ou não estão devidamente preparados para abordar essas questões, o medo de ser julgado por pais e/ou colegas, e até mesmo seus pudores pessoais dificultam esse processo.

O despreparo e conseqüentemente, o não saber falar sobre questões relacionadas à sexualidade na escola, faz com que os professores muitas vezes reduzam a sexualidade ao sexo. Destacamos então que o primeiro passo é entender

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



e compreender sexo e sexualidade como distintos, também ver a criança como um sujeito sexuado o qual precisa de instruções para o cuidado com sua sexualidade. Neste aspecto Vagliati e Gagliotto (2014) apontam:

Com vistas à promoção de uma educação para a sexualidade na escola, antes de qualquer coisa, se torna necessário buscar instrumentos que permitam melhor preparar aquele que vai promover essa educação, ou seja, o professor. A educação sexual pretendida é a que abranja todos os aspectos da sexualidade, não somente os reprodutivos. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade. **É igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade.** (p. 100, *grifos nossos*).

A contribuição de Vagliatti e Gagliotto (2014) nos aponta e confirma o despreparo do professor frente às situações que envolvem a sexualidade e conseqüentemente a violência sexual intrafamiliar destinada à criança. Em entrevistas com os profissionais atuantes de uma rede pública de ensino, as autoras revelam que os professores reconhecem estar despreparados para tratarem sobre o tema da sexualidade no espaço escolar. Se não estão preparados para tratar sobre o assunto, conseqüentemente encontram-se despreparados para, identificar os sinais de violência e também preveni-la.

Para que os professores sejam capazes de identificar e intervir com crianças que apresentam sinais de violência sexual intrafamiliar, é necessário despir-se de pré-conceitos e tabus em relação ao tema. A prevenção só acontece também quando os professores tornam-se capaz de dialogar com seus alunos sobre os riscos e conseqüências desse tipo de violência. É necessário o olhar atento do professor para sinais (não apenas físicos) que a criança apresenta. O conhecimento do professor é parte fundamental para a identificação de possível violência sexual assim, é importante a sensibilidade para detectar comportamentos, ações e falas da criança que possam apontar para a presença dessa violência, Vagliatti e Gagliotto (2014).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



No que tange a prevenção da violência sexual intrafamiliar infantil, corroboramos com Wolf (1998) *Apud*. Williams (2005) quando destaca ações que contemplem três níveis de prevenção: primário, secundário e terciário. O primário visa eliminar ou reduzir fatores, sociais culturais e ambientais que possam influenciar nos atos de violência. “...as ações envolvidas podem ser capacitações de profissionais e pessoas envolvidas diretamente com a criança, tais como pais e professores (p. 174)”. Essa capacitação forma os profissionais, para assim atuarem a populações de riscos, ou até mesmo no ambiente escolar, educando as crianças sobre os riscos e também consequências do abuso sexual.

Williams (2005) aponta que:

[...] um enfoque secundário tem como objetivo a detecção precoce de crianças em situação de risco, impedindo a repetição dos atos agressivos, sendo que os esforços são no sentido de reduzir o stress causado pelo sistema legal que a criança enfrenta, considerando que a postura dos profissionais que lidam com a criança pode produzir ou amenizar danos psicológicos à vítima (p. 174-175).

A mesma autora ainda defende que, um terceiro enfoque objetiva o acompanhamento da vítima e também do seu agressor. Esse acompanhamento tem por objetivo o tratamento feito por profissionais adequados e capacitados para esta finalidade, para evitar e/ou amenizar as marcas deixadas pelo abuso sexual e suas consequências a longo prazo. Com isso, destacamos a importância dos profissionais envolvidos, no caso do espaço escolar, o professor, conhecer esses três enfoques, para assim saber direcionar a vítima para a intervenção e cuidados adequados.

Considerando a violência sexual infantil intrafamiliar como um fenômeno social, e prática presente na vida de muitas crianças, admitimos a importância de criarmos redes de apoio, proteção e promoção de prevenção às crianças que sofrem essa forma mais cruel de maldade humana. Para tanto, acreditamos ser a escola um dos espaços ideais e primordiais para desenvolvermos a prevenção e intervenção frente a essa violência. É na escola que a criança vai manifestar e apresentar “seu pedido de socorro”, para tanto o professor preparado e formado, estará apto para pensar na ação diante de uma ocorrência, desde encaminhamentos, denúncias, e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



principalmente acolhimento e intervenção junto à criança vítima da violência sexual intrafamiliar infantil.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. 2ª ed., São Paulo; Iglu, 2007.

BASS, Ellen; THORNTON, Louise (Org). **Nunca contei a ninguém**. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1985.

BRAUN, Suzana. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo**. Porto Alegre: AGE, 2002.

BRINO, R. F. **Professores como agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Avaliação de um programa de capacitação**. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2006.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva T. Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2 Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf acesso em 06 de abril de 2017.

HUMANOS, SECRETARIA ESPECIAL. Disponível em: < <http://www.sdh.gov.br/noticias/2015/maio/disque-100-quatro-mil-denuncias-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-foram-registradas-no-primeiro-trimestre-de-2015> >. Acesso em 29 de março de 2017.

_____. In: GUILHARDI, H.J.; AGUIRRE, N.C. H.J.; AGUIRRE, N.C. (Orgs.). **Prevenção Primária e Secundária do Abuso Sexual Infantil. Sobre comportamento e Cognição: expondo a variabilidade**. Santo André: ESETec. p. 174-184, 2005.

PRADO, M. C. C. A., PEREIRA, A. C. C. **Violências sexuais: incesto, estupro e negligencia familiar**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000200012 >. Acesso em 26/03/2017.

Realização:



Apoio:





VAGLIATI, A. C. GAGIOTTO, G. M. **Gritos do Silêncio: O professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós – Graduação em Stricto Senso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2014.

ABSTRACT

This article aims to discuss the impact of sexual violence on the development of child learning and the role of the teacher as an agent that identifies intrafamily sexual violence. This is a bibliographical theoretical research, based on a research of the Stricto Senso Program in Scientific Initiation and Stricto Senso in Education, held at the Unioeste-Campus Francisco Beltrão institution, entitled: "Domestic violence and the impact on Learning of the child "and" Screams of Silence: The teacher in front of the Sexual Violence against children and adolescents in the school space ". Child sexual violence is a present theme in the social context and it is in school that the child manifests his signs, the teacher must be identifier, since we can not close our eyes to such occurrences.

Key - Words: Sexual violence; teacher training; learning;

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

